



Título Original: *Flowers from the Storm*  
de Laura Kinsale

Digitalizado, revisado e formatado por: *Dora A.*

Português de Portugal – Antes do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro



LAURA KINSALE é uma das escritoras mais admiradas e reconhecidas dentro do género: novela romântica devido às suas histórias bem trabalhadas, intensas e originais.

Laura Kinsale é vencedora - e três vezes nomeada - do prémio Golden Choice Best Book of the Year, concedido pela Romance Writers America. Tornou-se autora de romances depois de trabalhar seis anos como geóloga - uma carreira que consistia em levantar-se da cama a meio da noite e conduzir sozinha centenas de quilómetros através do Texas ocidental para sentar junto a poços de petróleo, onde usava um chapéu de abas largas e tentava dar ordens a homens cobertos de óleo e consideravelmente maiores do que ela.

Aos trinta e cinco anos começou a escrever. Também publicou, entre outros romances, *The Shadow and the Star* e *The Prince of Midnight*. É casada e divide o seu tempo entre as casas que possui em Santa: (Novo México) e no Texas.

O seu romance mais elogiado e preferido das leitoras norte-americanas é *Flores na Tempestade*.

*Christian era um dos homens mais brilhantes e sedutores da alta sociedade inglesa. Um libertino que despertava paixões avassaladoras até que um trágico ataque o condena a um mundo de silêncio, sombras e de loucura. Christian perde a capacidade de falar e a família coloca-o num sanatório, crente de que perdeu a razão.*

*Maddy, de nascimento modesto e com uma alma simples e generosa, fica presa a este homem que lhe desperta sensações novas. Um homem que oscila entre a raiva e a frustração de estar preso ao silêncio, que a repele, mas que necessita da sua atenção e do seu carinho para o tirar daquele tormento solitário. A amizade que nasce entre os dois transforma-se num amor arrebatador. Fonte de necessidade, desejo ... e de uma paixão redentora.*

*Laura Kinsale, autora best-seller americana, traz-nos um dos romances de amor mais belos e originais que jamais se escreveu. Uma história apaixonante e inesquecível que se converteu numa das novelas românticas mais elogiadas pela crítica e pelo público em todo o mundo."*

**Os diálogos e pensamentos reproduzidos com erros ortográficos estão de acordo com o original.**

## Prólogo

Ele gostava de política radical e tinha um fraco por chocolate. Cinco anos antes, a honorável *miss* Lacy-Grey quase desmaiara quando num baile, perante testemunhas, ele a convidara para uma contradança - um exemplo do tipo de incidentes que os amigos achavam intensamente divertidos e gostavam de recordar *ad nauseam* enquanto bebiam. Circulava o rumor que uma proposta de casamento teria deixado a pobre rapariga maculada para o resto da vida, e um convite de um género inferior tê-la-ia matado de imediato.

Christian encontrava-se naquele momento com a cabeça pousada na curva suave das costas dela - os dedos a deslizarem indolentes entre a meia e a pele macia mesmo acima da liga azul e amarela - e pensou que os amigos tinham sido um pouco exagerados nas suas previsões. Parecia viva e bem viva. Os tornozelos estavam belamente cruzados, e sacudiam-se com suavidade para cima e para baixo no ar acima dele.

Christian pousou a palma da mão em cima da nádega dela, beijou o sinal no fundo das

costas e endireitou-se, apoiado no cotovelo.

- Quando é que Sutherland regressa a casa?

- Em princípio, só daqui a duas semanas. - A *ex-miss* Lacy-Grey rolou para o lado, sorriu, expôs os seios que se tinham tornado mais pesados, e a cintura ligeiramente mais gorda e inchada. Eram amantes há cerca de três meses. Christian passou os olhos pelas alterações subtis ergueu as pestanas, sem falar.

- Quem me dera que nunca mais voltasse - disse ela, e entrelaçou mãos acima da cabeça. - Tem sido maravilhoso.

- Melhor do que chocolate - disse ele.

- A sério?

Ele olhou em volta, ao lembrar-se. A cafeteira alta esperava-o, a chaleira a ferver suavemente no fogão.

- Desculpa. Levantou-se da cama.

- Seu homem odioso.

Christian fez uma vénia rasgada e piscou-lhe o olho. Pegou na chaleira, deitou água quente sobre o leite frio, exactamente metade de cada, raspou algumas lascas de chocolate para dentro da cafeteira e agarrou manipulo do moinho. Sentia o tapete frio e acetinado sob os pés nus. Rodou o alto manipulo do moinho vigorosamente - aquilo deveria ter sido feito sobre o lume, não na cafeteira, mas as condições a altas horas a noite nos aposentos de outro homem nem sempre eram as ideais, serviu-se de uma chávena da mistura espumosa.

- Que consigas beber isso sem um único grão de açúcar é um desafio para a imaginação - observou ela.

- O açúcar és tu que lho dás, doçura - respondeu ele de imediato bebeu outra golada, nu junto da mesa. - Como poderia ser de outro modo?

Ela tentou fazer uma expressão aborrecida, mas acabou por lhe sorrir. Voltou a esticar os braços com um suspiro e, provocadora, arqueou o corpo ao mesmo tempo que fazia deslizar os pés enfiados nas meias, uma e outra vez, sobre os lençóis.

- A sério! Gostaria que Sutherland nunca mais regressasse a casa.

- Era melhor que desejasses que ele voltasse depressa para que se deitasse contigo, minha menina, e quanto mais depressa melhor.

Ela levantou o olhar pousado nas mãos e de seguida voltou a baixá-las. Franziu de novo os lábios com aquela expressão tão atraente.

- Ele não se vai importar.

- Tenho a certeza que não - replicou Christian num tom cínico. Ela pousou a palma da mão no ventre inchado e observou-o pelo canto do olho.

Christian pousou a chávena e inclinou-se sobre ela. Beijou-lhe o peito, enquanto lhe passava os dedos por entre o cabelo e lhe beijava o pescoço.

- Valeu a pena? - murmurou-lhe ao ouvido.

Ela levantou os braços até lhe rodear os ombros e apertou-o com força. A suavidade daquela pele voltou a despertar o desejo em Christian, e, enquanto a jovem se agarrava a ele como se se estivesse a afogar, aproveitou o momento para lhe voltar a manchar a honra. Ela pareceu desfrutar o momento. Deus era testemunha disso.

Na base da escadaria, cintilava a chama de uma única vela, que iluminava o braço esquerdo e as roupagens de uma reprodução em mármore de uma estátua de Ceres cujo olhar, num excesso de sentimentalismo, repousava num feixe de trigo que tinha aos pés. Christian desceu as escadas discretamente, mas não às escondidas, já que uma semana antes chegara a um acordo com o mordomo e passara a deixar junto do candelabro um impecável montículo formado por três moedas de ouro de cada vez que saía da casa. Estava à procura das moedas no bolso quando ouviu o som de passos mais em baixo. Deteve-se no patamar, a mão apoiada no corrimão.

- Edith? - perguntou do fundo das escadas uma voz masculina, que ecoou ligeiramente pelo vestíbulo.

*Que o diabo me carregue.*

Christian deteve-se, completamente imóvel. Na base da escada, surgiu Leslie Sutherland, a despir o casaco.

- Eydie? - voltou a chamar, e alisou as patilhas ruivas enquanto olhava para cima.

No vestíbulo ouvia-se o tiquetaque de um relógio. Christian nunca se apercebera da sua presença, mas naquele instante de silêncio soou como um augúrio cristalino e irrevogável. *Um... dois... três... quatro...*

Ao chegar a quatro, aconteceu. O meio sorriso desapareceu do rosto de Sutherland. Os lábios entreabriram-se-lhe. Christian não esperou que pronunciassem qualquer palavra e não o fizeram. Apenas silêncio e o rosto de Sutherland a tornar-se cada vez mais pálido, até a boca se fechar e a cor lhe invadir todo o rosto, com excepção dos vincos profundos junto ao nariz e em volta dos lábios.

*Seis... sete... oito...*

Christian pensou em diversas coisas para dizer, todas elas falsas e dirigidas a si mesmo, excepto a frase clássica: *Voltaste mais cedo, não voltaste?*

Conteve-se. Sutherland ainda parecia presa de um profundo choque. Uma dormência incómoda na mão direita fez com que Christian se apercebesse da força com que agarrava o corrimão através da luva. Soltou-o, mas a sensação de formigueiro aumentou e teve a sensação de que era atingido por uma vertigem, como se a escada debaixo dele ondulasse sem se mover.

Abriu e fechou a mão para a desentorpecer.

O gesto pareceu despertar Sutherland. Olhou fixamente para a mão de Christian.

- Jervaulx - disse, num tom incongruente suave -, vou matar-te por causa disto.

Nem sequer pronunciou bem o nome, soou desajeitado. Demasiada ênfase no «J» e no «X». Num momento arrepiante como aquele, a mente de Christian teve uma reacção absurda e repetiu a pronúncia exacta do seu título: *Shervoh - Sbervoh - Sbervoh...*

Não proferiu palavra, estendeu a mão e voltou a dobrar os dedos até os transformar num punho, algo que lhe pareceu difícil de fazer. Sentia o braço pesado, como se adormecido, e um formigueiro percorria o interior dos ossos dos dedos.

- Os nomes dos teus padrinhos - disse Sutherland num tom mais elevado e com maior agressividade. - Quero os nomes deles.

- Durham. E o coronel Fane. - Era inevitável. Mas surpreendeu-se por se sentir tão estranho.

Enquanto se olhavam, o relógio marcou mais dez segundos.

- Canalha. *Fora da minha casa!*

O grito saiu abafado. Sutherland tinha o rosto tão inflamado, estava tão congestionado, que Christian pensou que iria rebentar e cair ao chão com uma apoplexia.

- Está bem - respondeu em voz baixa.

Desceu as escadas e passou pelo outro homem com movimentos deliberadamente passivos e contidos. Sutherland podia sentir vontade de o matar, um direito que lhe assistia, mas Christian não tinha a mínima intenção de ser o causador da morte do homem no vestíbulo da própria casa.

Além disso, precisava de respirar ar fresco. Sentia-se embriagado. Ao abrir a porta, continuou a sentir a mão direita desajeitada e adormecida. Fechou a porta atrás dele com a mão esquerda e tropeçou. Cambaleante, apoiou-se no corrimão de ferro da entrada.

Estava Lua cheia e esta iluminava o manto de névoa que cobria o fundo da rua. Uma neblina azulada que contrastava com a escuridão das fachadas e que se erguia lentamente. Christian continuou agarrado ao corrimão, a olhar para a encosta. Não havia dúvida, passava-se qualquer coisa de errado. Sentia-se enjoado, atordoado e... estranho. Uma ideia louca de que o tinham envenenado atravessou-lhe o pensamento.

Eydie? O chocolate. Eydie seria capaz de o envenenar? Por que motivo faria semelhante coisa?

O coração batia-lhe acelerado. Engoliu em seco várias vezes numa tentativa para se acalmar, para pensar.

Passado um bocado, soltou o corrimão. O ar fresco pareceu dar-lhe forças. Respirou fundo algumas vezes e recompôs-se. Junto à base da escada que dava acesso à casa vislumbrou um vulto negro. Olhou-o de lado e viu que se tratava do próprio chapéu.

Desceu os degraus, passou ao lado do vulto e voltou a lembrar-se que era o seu chapéu. A carruagem esperava-o duas ruas mais abaixo. Olhou inseguro para o chapéu e prosseguiu. Não lhe ocorria nenhum motivo para que Eydie o envenenasse e isso incomodava-o bastante. Mas agora, ao andar, sentia-se melhor. As coisas voltavam ao lugar. Quando se aproximou da carruagem, o cocheiro desceu rapidamente da boleia e abriu-lhe a portinhola.

*Cass* e *Devil* saíram imediatamente da carruagem e sacudiram as caudas peludas, eufóricos. Christian encostou-se a um dos lados da carruagem e deixou que os cães saltassem à vez para cima dele. Acariciou-lhes as orelhas com uma mão, chamou *Devil* para que voltasse e deixasse de cheirar os depósitos de carvão que se encontravam junto do passeio, e entrou para a carruagem. *Cass* deitou-se obediente aos pés de Christian, mas *Devil* introduziu o focinho às manchas pela luva e tentou sentar-se ao lado dele.

Christian acariciou a cabeça do *setter*. Quando a carruagem começou a andar, ergueu a mão para tirar o chapéu e descobriu que não o tinha.

Encostou a cabeça ao assento. Sutherland. Sutherland exigia-lhe uma reparação.

Christian só queria dormir. Flectiu os dedos da mão direita para se livrar daquela sensação de peso, de adormecimento, que continuava a sentir. Sonolento, pensou que, por uma vez na vida, era-lhe conveniente ser canhoto porque se não o fosse ser-lhe-ia impossível empunhar uma pistola.

## 1

Ainda acho que é impossível. Sem dúvida que vou continuar a achá-lo. Como é possível que alguém como tu, pai, espere vir a receber a devida consideração de uma pessoa com a sua... - Archimedeia Timms interrompeu-se, à procura da palavra adequada -... com a sua posição?

- Terás a amabilidade de me servir uma chávena de chá, Maddy? - pediu-lhe o pai naquele tom de voz tão aprazível que não dava azo a que ninguém comesse uma discussão a sério.

- Para começar, é duque - prosseguiu ela por cima do ombro enquanto atravessava a sala de jantar à procura de Geraldine, já que a campainha da sala não funcionava. O tempo que demorou a encontrar a criada, a certificar-se de que a água era posta a ferver, e voltar para o salão não foi suficiente para que esquecesse a sequência dos pensamentos. - É impossível imaginar que um duque leve a sério assuntos desta natureza... tens o quadrado junto da mão direita, pai... já que ficou bem claro que durante a semana passada não preparou a sua integração.

- Não deverias impacientar-te, Maddy. Estas coisas têm que ser feitas com um enorme cuidado. Está a perder o seu tempo e eu admiro-o por isso. - O pai procurou com os dedos o pedaço de madeira cortada com o formato do número dois e colocou-o no lugar correspondente para que fosse o expoente de «s».

- Ele não está a perder tempo, gasta-o sem se importar. Sai continuamente e dedica-se aos prazeres mundanos. Não tem a mínima consideração nem pela tua reputação, nem pela sua.

O pai sorriu e olhou em frente, enquanto procurava o sinal de multiplicar e o juntava à sequência de letras e números de madeira que colocara sobre a toalha de baeta vermelha, os dedos a percorrer os blocos até os reconhecer pelo tacto.

- Tens a certeza absoluta desses prazeres mundanos, Maddy?

- Basta ler os jornais. Durante toda a Primavera não houve um único acontecimento social em que não tenha estado presente. E a apresentação do vosso tratado matemático conjunto na tarde do Terceiro Dia? Já percebi que terei de ser eu a cancelá-lo, porque *ele* nem me lembrará de o fazer. O presidente Milner ficará muitíssimo ofendido, e com toda a razão, porque quem substituirá

Jervaulx no estrado?

- Tu encarregar-te-ás de escrever as equações no quadro, e eu estarei ali para responder às perguntas.

- Sempre que o amigo Milner o permitir - disse Maddy com amargura. - Dirá que é extremamente irregular.

- Ninguém se vai importar. Tu encantas-nos com a tua presença todos os meses, Maddy. Foste sempre bem recebida. O próprio amigo Milner disse-me uma vez que o rosto de uma dama alegra enormemente os salões das reuniões.

- Mas é claro que assisto às reuniões. Como poderia deixar-te ir sozinho?

Ergueu os olhos quando a criada entrou com o tabuleiro. Geral-dine pousou o chá sobre a mesa, e Maddy serviu uma chávena ao pai, pegou-lhe na mão e conduziu-a gentilmente até ao pires e à asa. Tinha dedos pálidos e macios apesar de tantos anos de trabalhos em casa, e um rosto no qual, apesar da idade, ainda não se via rugas. Sempre o rodeara um ar de abstracção, mesmo antes de perder a vista. Que a verdade fosse dita, os hábitos quotidianos da sua vida mal se tinham alterado após a doença que, anos antes, o deixara cego. A única excepção é que agora se apoiava no braço de Maddy quando saía para dar o seu passeio diário ou quando assistia às reuniões mensais da Sociedade Analítica e usava as peças de madeira e os ditados para as questões matemáticas, em vez de escrever com a própria pena.

- Vais hoje a casa do duque para que te entregue os diferenciais? -perguntou.

Maddy fez uma careta sem necessidade de a dissimular, já que Geraldine saía da sala.

- Sim, pai - respondeu, e esforçou-se para que a voz não revelasse a humilhação que sentia. - Voltarei a casa do duque.

Quando Christian acordou, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a integração incompleta. Afastou os lençóis para trás, expulsou *Cass* e *Devil* da cama, e sacudiu a mão com força, numa tentativa de se libertar da sensação de formigueiro que sentia depois de ter dormido sobre ela. Os cães lamuriavam-se junto da porta e deixou-os sair. Aquela insensibilidade incómoda dos dedos custava a desaparecer. Apertou o punho enquanto se servia de chocolate e, com o roupão vestido, sentou-se a folhear as páginas em que estavam escritas as equações de Timms e as suas.

Era fácil distingui-las. As de Timms estavam escritas com uma letra pequena e requintada com um terço do tamanho dos rabiscos retorcidos escritos por Christian. Desde a primeira vez em que pisara uma aula, Christian rebelara-se contra a insistência para que escrevesse em cursivo com a mão direita e fazia-o com a esquerda. Desde o primeiro dia de escola que aguentara, num silêncio ressentido, as palmatoadas que recebia com regularidade na palma da mão ofensora, mas ainda se sentia incomodado quando escrevia perante outros. Naquela manhã, a letra de Timms parecia-lhe tão pequena que até lhe era difícil lê-la. Os símbolos pareciam flutuar sobre o papel e Christian sentiu uma dor de cabeça ao tentar fixar os olhos sobre eles.

Era óbvio que sofria os efeitos do *brandy* que consumira na noite anterior. Pegou numa pena, já preparada pelo secretário para que tivesse o ângulo exacto que a postura desajeitada e retorcida da mão de Christian requeria, e começou a trabalhar, ignorando o que já estava escrito. Era-lhe fácil abstrair-se naquele mundo luminoso e tranquilo, formado por funções e distâncias hiperbólicas. Os símbolos sobre a página podiam parecer torcidos e trémulos, mas na sua mente as equações eram uma melodia inabalável. Pestanejou, e apertou os músculos do rosto a tentar libertar-se da dor que parecia ter-se instalado no olho direito, e continuou a escrever.

Quando, por fim, acabou de calcular o último diferencial e pensava em chamar Calvin para que lhe levasse o tabuleiro do pequeno-almoço, teve a impressão que despertava de um transe ao levantar os olhos e reconhecer o próprio quarto: as colunas de estilo paladino que flanqueavam a cama, o friso de gesso, os painéis de madeira e o papel de parede com desenhos azuis, escolhido por uma dama cujo nome no momento não conseguia recordar. No entanto, o pensar em damas trouxe-lhe à mente a recordação agradável de Eydie, e mandou Calvin assegurar-se de que esta receberia

uma orquídea antes da hora do chá.

- Como quiser, excelência - disse o mordomo com uma ligeira vénia. - O senhor Durham e o coronel Fane encontram-se lá em baixo. Há já algum tempo que querem falar consigo. Quer que lhes diga que esta tarde sua excelência não se encontra em casa?

- Parece-te que não estou em casa? - Esticou as pernas, reclinou-se na cadeira e cruzou os tornozelos enquanto olhava para o relógio. - Santo Deus, é uma e meia. Há quanto tempo estão lá em baixo? Diz--lhes que subam, de que estás à espera? Diz-lhes que subam.

Christian não se incomodou a arranjar-se para receber Durham e Fane. Não tinha amigos mais antigos, nem mais íntimos. Esfregou a cabeça devido à pressão aguda e persistente que sentia, e durante um momento manteve-se recostado e de olhos fechados.

- Mas que raio! Que temos aqui? Outra vez a fazer gatafunhos? - A voz pesarosa de Durham soou ligeiramente surpreendida. - Num momento destes? Não há dúvida que és frio como um icebergue.

Christian abriu os olhos para os voltar a fechar logo de seguida.

- Que Deus nos guarde, aí vem a cúria.

- Mesmo a tempo. Pareces estar pronto para receber os últimos sacramentos, meu amigo.

- E tens a certeza de que os podes administrar? - perguntou Christian, enquanto abria uma pálpebra.

- Poderia sempre tentar. Faria qualquer coisa por ti, Shev.

Durham ainda imitava o estilo Brummel, quer no modo de falar quer no vestuário, apesar de Beau ter fugido para França há onze anos para escapar aos seus credores, mas o cabelo loiro e os movimentos determinados eram um contraste voluntário aos movimentos lânguidos. A austeridade no vestir era a sua única concessão à vocação religiosa, e Christian, o seu único benfeitor - recaía sobre os duques de Jervaulx, entre outros vinte e nove cargos eclesiásticos, o privilégio de nomear vitaliciamente o titular de Saint Matthews-upon-Glade, um generoso posto eclesiástico que Christian considerara adequado conferir ao amigo. E era um favor particularmente pouco merecido se também se tivesse em consideração o facto de faltar por completo a Durham os atributos e carácter que normalmente se exigem a um pastor.

Fane, seguido dos cães, entrou, com *Devil* a esgueirar-se entre as botas do guarda real que trajava resplandecente um uniforme escarlata e dourado, e rodopiava um chapéu alto no dedo. Pegou no chapéu e atirou-o na direcção de Christian.

- Da parte de Sutherland.

Christian sentou-se e afastou as patas de *Devil* do colo.

- Estás a falar de quê? Sutherland?

- Garantiram que ontem à noite deixaste isto à porta da casa dele.

- Quem garantiu tal coisa?

- Pois, quem é que achas que o fez? - Fane, de testa franzida, deixou-se cair numa poltrona. - Os seus malditos padrinhos, foram esses que o garantiram.

Apesar da dor de cabeça, Christian não conseguiu evitar um sorriso.

- Regressou à cidade? Já me desafiou para um duelo?

- Vai para o inferno, Shev, ninguém acha isso engraçado - disse Durham. - Sutherland tem uma pontaria certa.

Fane acariciou a cabeça de *Cass* e de seguida tirou um pêlo negro do casaco vermelho.

- Quer que seja amanhã de manhã. É claro que depende de ti. Achamos que vai querer que sejam pistolas mas, tratando-se de Sutherland, poderias escolher os sabres.

Christian fechou os olhos e voltou a abri-los. A dor de cabeça estava a afogá-lo. Nem sequer podia pensar com clareza.

- Que azar teres-te encontrado com ele no vestíbulo da casa - acrescentou Fane num tom sombrio. - Poderia jurar que não fazia a mínima ideia do teu caso com a mulher. Não passou de um momento de pouca sorte, um verdadeiro azar. Poderia pensar-se que o imbecil queria manter segredo, não é? O que acontecerá se te conseguirmos matar, se é que o consegue? Uma longa viagem

pela Europa, ou um enforcamento se demorar muito a fugir. Juro-te por Deus, Shev, que eu mesmo me encarregarei de o denunciar se ele te matar.

Christian, de testa franzida, olhou inquieto para Fane. Pensou que não passava de uma brincadeira muito elaborada, e não estava com paciência para aquilo. Mas ninguém sorria, e Fane tinha um ar decididamente sério, de maxilar tenso.

- Esta manhã recebeste a visita dos padrinhos de Sutherland? - perguntou hesitante.

- Os seus cartões-de-visita chegaram às oito. - Fane sacudiu a mão. - E às nove estavam na escadaria da minha casa em Albany. Ele espuma pela boca, Jervaulx. Sedento de sangue.

- Disseram... que estive na casa dele?

- Não estiveste?

Christian olhou para os pés. Agora que pensava nisso, não se conseguia recordar bem da noite anterior.

- Céus. Devia estar bêbado como um cacho. Durham exalou fortemente.

- Por todos os santos, Jervaulx, quer dizer que não te lembras? Christian sacudiu ligeiramente a cabeça. Não se sentia como se

tivesse bebido. Não se recordava de ter começado a beber. Sentia dores de cabeça e a mão... sentia-se estranho, apenas isso.

- Céus - disse Durham, e sentou-se numa poltrona. - Que confusão.

- Não interessa. - Christian apertou a parte superior do nariz com os dedos. - Amanhã? Quer que seja amanhã? Amanhã é demasiado cedo.

- Então quando?

- Amanhã à tarde tenho que apresentar um artigo. Terá que ser na quarta de manhã.

- Um artigo? - repetiu Fane como um eco.

- Um artigo matemático.

O coronel limitou-se a olhar para ele.

- Um artigo, Fane - explicou Christian paciente -, formado por palavras que transmitem uma mensagem de grande importância. Alguma vez lêes alguma coisa, no exército?

- Às vezes - respondeu Fane.

- Não sabes que Shev é um verdadeiro Newton? - Durham recostou-se e cruzou as pernas antes de acrescentar: - Embora pelo seu aspecto ninguém o adivinhasse, não achas? Tens um aspecto pavoroso, Jervaulx.

- E é assim que me sinto - disse Christian. Acariciou o pescoço de *Devil* com a mão esquerda e suspirou. - Para o inferno com tudo isto. E acabei de mandar uma orquídea a Edith.

A casa de Belgrave Square, branca, elegante e de construção recente, era uma afronta a Maddy. Tudo o que se relacionava com o duque de Jervaulx era-lhe ofensivo. Como nascera e fora criada no seio da Sociedade de Amigos<sup>1</sup> era de presumir que Maddy se devia preocupar com o estado de Graça de um homem que desperdiçava a vida em bailes, jogo e diversões como ele o fazia mas, na verdade, a Divina Luz Interior dela não parecia estar minimamente interessada no estado espiritual do homem. Antes pelo contrário, o que sentia por ele era um antagonismo muito mundano. Em circunstâncias normais, Maddy nem teria perdido tempo a pensar nele. Na verdade, nunca teria ouvido falar do duque de Jervaulx se este, movido por algum motivo perverso, não tivesse começado a escrever cartas para o jornal da Sociedade Analítica de Londres, e fora devido a isso que começara a ocupar um lugar tão importante e invisível na pequena casa que os Timms habitavam em Chelsea.

Era ela que se encarregava de ler cada palavra do jornal ao pai e, fora também ela que se

---

<sup>1</sup> Membros de uma divisão da Igreja protestante, os *quakers* ou Sociedade de Amigos, fundada em Inglaterra no século XVII. Não admitem qualquer tipo de sacramento, não prestam juramento perante a justiça, não aceitam nenhum tipo de hierarquia, nem pegam em armas, e acreditam na simplicidade de todos os actos. (*N. do T.*)



encarregara de escrever a resposta, ditada pelo pai, à carta publicada do duque, e na qual este se interessava na monografia do pai acerca da *Solução para as Equações de Quinto Grau*. Isso acontecera no Primeiro Mês. Agora encontravam-se quase no Sexto Mês, com os vasos das janelas cheios de ervilhas-de-cheiro e de tulipas tardias, cujas corolas escarlates contrastavam vivamente com o branco das fachadas, e assim já há algum tempo que Maddy se convertera numa visitante habitual da casa de Belgrave Square.

Nunca vira Jervaulx em pessoa. Não lhe pusera a vista em cima nem uma única vez. Era evidente que o duque não se ia dignar a receber uma *quaker* de categoria simples e modesta como ela, nem tão pouco se dignaria aparecer em pessoa nas reuniões da Sociedade Analítica. Tinha maneiras mais aristocráticas e duvidosas de passar o tempo. Não. Archimedeia Timms apresentava-se à porta da casa nobre com uma cópia do último trabalho do pai, que ela escrevera com infinito trabalho e exactidão, e depois de a entregar a Calvin, o mordomo, este conduzia-a até um recanto da saleta de pequeno-almoço, oferecia-lhe uma chávena de chocolate, levava as propostas tão meticulosas do pai e deixava-a ali sentada, às vezes até três horas e meia, à espera que o mordomo voltasse com uma nota e várias folhas cobertas de traços descuidadamente exagerados, de fileiras de equações escritas como se os números e os símbolos tivessem uma finalidade estética e não matemática.

Mais frequentemente, tudo o que Calvin trazia era a promessa do duque que a parte que lhe correspondia estaria preparada no dia seguinte. E quando chegava o dia seguinte, a promessa era para o dia a seguir a esse, e para outro depois daquele, até ela ter perdido a paciência com o homem. A acrescentar a isso, e como se fosse pouco, havia o entusiasmo silencioso mas cada vez mais intenso do pai por aquilo em que ele e Jervaulx estavam a trabalhar. As matemáticas eram tudo na vida do pai, a prova irrefutável de um teorema o único objectivo da sua vida. Não pela fama pessoal que uma descoberta desse teor lhe podia proporcionar, mas pelo amor à própria ciência. Para ele, o duque era um milagre, uma bênção prodigiosa para a sua vida, para a geometria e para a Terra em geral, e esperava com uma paciência infinita aquelas respostas tão irregulares.

Na verdade, Maddy receava poder estar a ser um pouco ciumenta. O modo como o rosto do pai se iluminava quando ela, por fim, voltava com uma nova série de equações e axiomas da casa de Jervaulx, o olhar inicial de choque e depois de prazer, quando ela lhos lia em voz alta e ele descobria uma inovação concreta, alguns cálculos que exibiam um requinte único... mas bem, não tinha o direito de lhe regatear essa felicidade apenas porque para ela tudo aquilo não passava de uma infinita série de símbolos, uma espécie de língua estranha que alguém sabia ler e pronunciar, mas que na realidade não entende. Havia pessoas que nasciam com esse dom e Maddy, apesar da esperança iludida que o pai expressara ao dar-lhe o nome em honra de Arquimedes, não se encontrava entre elas.

Mas o duque de Jervaulx, sim.

Ele era dissoluto e esbanjador, galante, jogador, mulherengo, um mecenas das artes mundanas - de pintores, músicos e romancistas -, e sem rodeios aparecia como o «D... de J...» nas folhas de escândalos, onde era "frequente encontrar notícias acerca das suas numerosas proezas.

Maddy dedicara-se a indagar a vida daquele homem. E, sem querer faltar-lhe ao respeito, era um libertino.

Para o pai não teria feito qualquer diferença mesmo que o homem apascentasse vacas. O que lhe importava era o talento. Mas Jervaulx era um duque, algo que Maddy se via obrigada a recordar com muito mais frequência que o pai - na verdade de cada vez que se sentava à espera naquele recanto à mercê dos caprichos aristocráticos dele. E agora - apesar de já se terem passado dois meses desde que concordara em ser co-autor daquele trabalho com o pai e em que até condescendera em oferecer-se para fazer a apresentação preliminar na reunião mensal da Sociedade Analítica - parecia que Jervaulx se esquecera por completo do assunto e nem sequer podia ser incomodado para dar o toque final e terminar os cálculos.

Pelo menos, Maddy esperava que ele se tivesse esquecido, porque o seu maior receio era que estivesse a preparar uma horrível partida ao pai. O seu pior pesadelo era que Jervaulx aparecesse

na Sociedade Analítica com alguns dos seus indesejáveis amigos, talvez sob os efeitos da bebida, em companhia de mulheres de má reputação, para converter o pai e os restantes membros da sociedade em objecto de escárnio público.

Na verdade, não tinha qualquer motivo para desconfiar que fosse acontecer algo de semelhante, mas no melhor dos casos o pai ia sentir-se profundamente decepcionado e envergonhado perante os amigos pela ausência do duque, e tudo por culpa de um aristocrata que era demasiado indolente para cumprir os seus compromissos, a não ser que se tratassem de deboches. Para Jervaulx, aquilo não passava de um mero passatempo. Para o pai, era tão importante quanto a própria vida.

Subiu, decidida, os degraus de acesso à mansão branca, quase disposta a entregar ao duque, juntamente com a mensagem amável e tímida do pai, outra escrita pelo próprio punho e na qual expressava os seus sentimentos com clareza. Apesar de nunca ter encontrado nem no silêncio da Assembleia, nem no seu interior, o atrevimento necessário para se levantar e falar, tinha a certeza de que não se ia sentir nada atemorizada pelo facto de ele ser duque. Não se alteraria se tivesse que falar com ele, o que, na sua opinião, significava que os seus motivos tinham a aprovação divina. Tinha a convicção de que, de acordo com os ensinamentos bíblicos quanto à igualdade dos homens, qualquer coisa que servisse para abrir os olhos do duque perante as próprias iniquidades de um modo calmo e convincente só lhe faria bem.

Mas Calvin sorria quando a convidou a entrar. Pegou numa pasta de pele que se encontrava numa mesa do vestíbulo e estendeu-lha.

- Para ser entregue ao senhor Timms, através de *miss* Archimedeia Timms, com os cumprimentos de Sua Excelência - disse. - O duque deu instruções para que comunique ao senhor Timms que, amanhã à noite, irá assistir à reunião da Sociedade Analítica na companhia de *sir* Charles Milner e que espera com ansiedade pelo momento de fazer a apresentação.

Maddy pegou na pasta.

- Ah - exclamou -, sempre terminou.

Calvin não demonstrou ter reparado na surpresa dela. Limitou-se a inclinar um pouco a cabeça com uma expressão expectante na direcção da saleta do pequeno-almoço.

- Gostaria de beber um chocolate, *miss*?

- Um chocolate? - Maddy tentou pôr os pensamentos em ordem. - Não. Obrigado, mas não. Vou ter de me ir embora. Tenho de entregar isto de imediato ao meu pai.

- Como quiser, *miss*.

O cumprimento repentino e inesperado da promessa que o irresponsável do duque fizera deixou Maddy completamente desconcertada, e de certo modo mais irritada que satisfeita. Que homem tão odioso, que deixava tudo de pernas para o ar, e que achava que depois podia colocar tudo no lugar pelo simples facto de confraternizar com o presidente Milner e terminar com os diferenciais no último momento.

- Vou-te ser franca, amigo - disse Maddy, no tom sério que reservara para se dirigir ao próprio duque -, espero que Jervaulx tenha preparado bem o discurso. Receio que agora já não haja tempo para que o meu pai lhe ofereça ajuda.

Calvin lançou-lhe um olhar indiferente.

- *Sua Excelência* não referiu estar à espera de contar com a ajuda do senhor Timms.

Como sempre, colocou uma ênfase enorme no tratamento, o que Maddy interpretava, sem motivo para dúvidas, como um modo de demonstrar a sua desaprovação perante o facto de ela utilizar a linguagem simples para falar de Jervaulx e o tratar directamente pelo nome do seu ducado. Maddy não se importava. Se tivesse sabido qual era o apelido dele, teria ido mais longe e utilizá-lo-ia como qualquer *quaker* desprezioso faria ao falar de qualquer pessoa.

Ficou por momentos calada, a bater no chão com o pé, silenciosa e rapidamente.

- Posso falar com ele?

- Lamento comunicar-lhe que Sua Excelência não se encontra em casa.

O pé de Maddy começou a bater com mais força.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

